

## O CENTRO CULTURAL FEMININO, AS CIDADES HISTÓRICAS, O “QUINTO IMPÉRIO” E A SAGA DE HENEQUIM.

Ao intelectual **Átila de Carvalho Godoy**, “filósofo do Quinto Império”.

Durante as atividades culturais da “Semana de Bárbara Eliodora”<sup>1</sup> em São João del-Rei (de 10 a 14 de dezembro de 2007), promovidas pela direção do agora revigorado Centro Cultural Feminino, aconteceram várias preleções, todas de alto nível. Para que se faça justiça é preciso registrar aqui um voto de louvor para a atuação de Maria Amélia Dornelles Dangelo (a são-joanense *Mamélia*)<sup>2</sup>, mulher dinâmica e empreendedora que tratou da revitalização do Centro Cultural Feminino como quem revivesse o mito da Ave Fênix.

Acompanhei algumas apresentações da “Semana”, todas acontecidas no auditório do Memorial Presidente Tancredo de Almeida Neves. Apreciei mais detidamente a palestra “O Desafio da Administração de Cidades Históricas”, proferida pelo dr. Ângelo Oswaldo de Araújo dos Santos<sup>3</sup>, e a conferência “O Quinto Império como Projeto de Nação e Educação”, sob a responsabilidade do professor e doutor

<sup>1</sup> Conforme estava grafado no programa do evento. A respeito da grafia correta do nome completo de Bárbara, o professor **Oyama de Alencar Ramalho**, em seu bem fundamentado artigo intitulado “**BÁRBARA HELIODORA OU ELIODORA?**”, fez algumas “considerações necessárias, oportunas e importantes” sobre o assunto. Vejamos as conclusões do meu festejado autor:

**“Hipótese 1.** Digamos que o registro de batismo de Bárbara seja Heliodora.

Quem escrever Heliodora está de acordo com o *Vocabulário Ortográfico*, com o *Vocabulário Onomástico da Língua Portuguesa* e com as normas da Filologia. Quem escrever Eliodora ou Eleodora está contrariando o *Vocabulário Ortográfico*, o *Vocabulário Onomástico da Língua Portuguesa* e as normas da Filologia.

**“Hipótese 2.** Digamos que o registro de batismo de Bárbara seja Eliodora ou Eleodora.

Quem escrever Eliodora ou Eleodora está contrariando o *Vocabulário Ortográfico*, o *Vocabulário Onomástico da Língua Portuguesa*, as normas da Filologia e está atribuindo indevidamente prevalência do registro cartorial sobre as normas ortográficas vigentes. Quem escrever Heliodora está adaptando a grafia do passado (que não tinha nenhuma regra estabelecida) às normas atuais.”.

Assim explicou o prof. Oyama:

“Enquanto o assentamento de batismo não estiver disponível, permanecerá a dúvida do passado, isto é, se Bárbara Heliodora estava assinando de acordo com o registro cartorial ou não. Enquanto Bárbara Heliodora Guilhermina da Silveira esteve neste mundo, pôde assinar suas cartas como bem quis fazer e não sabemos com certeza histórica se estava contrariando ou seguindo o que constava no registro cartorial.

Apesar de não haver regras ortográficas que disciplinassem a escrita no século XVIII, havia um padrão culto da época e, conseqüentemente, havia “erros”. Eliodora é um deles e não se trata de um erro do tipo acidental, ainda mais que a fase histórica da língua foi aquela em que se quis buscar e manter as raízes etimológicas, “inserindo hábitos clássicos eruditos” (HOUAISS, 1991). Heliodora tinha e tem que ser com H, sempre.”.

Oyama Ramalho alerta-nos para o fato de que “mesmo no caso de aparecer o assentamento de batismo com as formas Eliodora ou Eleodora. Entendemos que se deva grafar Heliodora, de acordo com o *Vocabulário Onomástico*, pois que a instrução nº 40 da organização do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* é uma exceção a ser utilizada pelo interessado em *salvaguardar direitos pessoais*. Nós, no século XXI, não temos a missão de salvaguardar direitos de pessoas da atualidade e muito menos das que viveram no século XVIII. Temos que escrever as palavras da língua portuguesa atual como convém.”.

<sup>2</sup> Sócia correspondente deste IHG.

<sup>3</sup> Atual prefeito de Ouro Preto e sócio correspondente do IHG de S. João del-Rei.

Paulo Roberto Azevedo Varejão (docente da Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ).

Dr. Ângelo Oswaldo reiterou a importância de uma cidade histórica ser entendida como Centro de Cultura e do valor do patrimônio cultural como veículo de identidade do povo; lembrou-nos da necessidade de adoção de medidas que facilitem o reconhecimento e a apropriação dos valores da cidade histórica pela população, visando a sua preservação e sua valorização como patrimônio. Salientou-nos para a necessidade de reconhecermos que a valorização do patrimônio favorece o desenvolvimento e que o projeto de salvaguarda e valorização dos centros históricos, quando bem desenvolvido, se torna fator de enriquecimento cultural, social e econômico sustentável da cidade inteira, proporcionando a melhoria da qualidade de vida para os munícipes. O que falou dr. Ângelo não deveria soar como “novidade”, posto que muitas das ações por ele comentadas já estão detalhadas na Declaração de Quebec em favor de uma cooperação interamericana para garantir a preservação das cidades históricas das Américas (de 18 de abril de 2001, quando da realização da 3ª Cúpula das Américas). Mas como em matéria de Preservação Cultural quase ninguém costuma escutar direito o que se prega, fez muito bem o ilustre palestrante em repassar-nos os seus ensinamentos, permeando a sua formidável exposição com muitos exemplos práticos da sua atuação de prefeito (por duas vezes) na antiga Villa Rica. A nossa luta deve ser sempre pela memória e contra o esquecimento...

O prof. Varejão, ao explicar a teoria do Quinto Império, partiu dos primórdios da ocupação do Velho Continente, passando por guerras, pela genealogia nobiliárquica européia e portuguesa, chegando até as considerações do Padre Antônio Vieira, de Agostinho da Silva e do poeta Fernando Pessoa. Neste sentido há de se considerar a opinião de Mário Máximo, um pensador/escritor que nasceu em 1956 na cidade de Lisboa (Portugal), que acha que “a filosofia portuguesa não existiria sem a poesia, pois os poetas fizeram do maior desastre estratégico da nação portuguesa a catarse da nação”. Vejam o exemplo de Camões!

O esoterismo do tema traz-nos a amplitude da idéia de Liberdade e de Missão. A construção do Quinto Império passaria pela crença e pelo culto ao Divino Espírito Santo. Sobre este fato já nos alertou José Alencar de Ávila Carvalho<sup>4</sup>: “no século XII apareceu

---

<sup>4</sup> Patrono da cadeira número 36 deste IHG. Nascido no distrito são-joanense de São Miguel do Cajuru, no ano de 1925. Faleceu na cidade de São João del-Rei, no ano de 2000.

Gioachino de Fiori que fez um belo poema, explosivo de fé e alegria, prevendo as idades do mundo baseado nas três pessoas da Trindade, digamos, o Pai representado na Idade Antiga: a autoridade; o Filho na Idade Média: a penitência; o Espírito Santo na terceira idade, agora: um mundo onde haveria de acontecer o resgate do amor, da alegria, do otimismo, da ação coletiva, da simplicidade...”. Este mundo da terceira idade seria o do “Quinto Império”?

A fundamentação do “Quinto Império”, segundo o palestrante, passaria também pelo entendimento de que os quatro impérios exponenciais anteriores se resumiram em Nabucodonosor (da Babilônia), Ciro (da Pérsia), Péricles (da Grécia) e dos Césares (em Roma). Depois destes chegaria então a vez de um rei de Portugal liderar o derradeiro reino: o Império Universal Cristão, ou seja, o “Quinto Império”. O reinado seria o de D. Sebastião e poderia acontecer em vários locais, sendo um destes o Brasil. A figura mitificada do monarca D. Sebastião está no centro da história porque apesar de desaparecido em combate, o corpo dele nunca foi identificado. Assim, surgiu a crença de que o rei voltaria um dia, misteriosamente, como redentor, surgindo em meio das brumas.

O professor Varejão lembrou-nos, ainda, da existência (quase desconhecida) de um aventureiro e visionário chamado Pedro de Rates Henequim. No século XVIII este homem viveu por mais de duas décadas no Brasil (em Minas Gerais), acreditando que aqui havia sido a morada de Adão e Eva, que aqui era onde se encontrava a Árvore da Vida e o Fruto Proibido. Pego pela Inquisição, foi obrigado o voltar a Portugal para ser inquirido, torturado, afogado e queimado (em 1744), condenado pelo crime de heresia e apostasia.

Dizem que Henequim afirmara, para escândalo dos inquisidores, que “o Dilúvio não foi universal, já que poupou o Brasil”. Ele acreditava que o Paraíso (o Jardim do Éden) estaria oculto no interior do nosso país, ainda à espera de homens predestinados e iluminados que o descobrissem. Essas idéias de Henequim contrariavam a Bíblia e assustavam os portugueses, porque eles achavam que se Deus tivesse mesmo privilegiado o Brasil, a nossa terra seria colocada bem acima do Império Lusitano, com o que Portugal não haveria nunca de concordar. Para completar, dizem que Pedro de Rates envolveu-se numa espécie conjuração para proclamar a D. Manuel como Rei do Brasil, acontecimento que se fosse exitoso anteciparia em cerca de oito décadas o “Brado do Ipiranga”.

Sobre a teoria do Quinto Império e a atuação de Henequim infelizmente não sei até onde vai o mito e a verdade, até onde vai o que é história ou estória, até onde vai aquilo que é imaginação e o que é conhecimento. Mas há quem jure que o sabe... O que sei é que um sonho nos impulsiona, e poderá nos impulsionar com muita força rumo ao reconhecimento da magnífica riqueza natural e da civilização da "Terra Brasilis".

É preciso meditar sobre a importância dos questionadores; existe até mesmo uma reflexão que apresenta o homem insensato como sendo aquele que "move" o mundo. Para o insensato há sempre algo a fazer, a modificar e a não ser aceito. O sensato aceita o mundo naturalmente como ele é. Os homens que resolvem parar de fazer aquilo que habitualmente fazem instintivamente há várias gerações, demonstram que a força de suas ações ou provocações fazem diferença ante a natureza. Isto é o que vai conferindo certo sentido às nossas inquietações e disponibilizando algumas respostas para os nossos muitos enigmas. Já disseram que "o homem sensato se adapta ao mundo; o insensato insiste em adaptar o mundo a ele. Todo o progresso depende, portanto, do homem insensato.". É preciso pensar nestas coisas, pois a imaginação, em certos casos, deve até ser mais produtiva que o conhecimento...

Já tive a oportunidade de escrever sobre o Mito de Artaban, "o quarto Rei Mago" (ver a edição nº 50 do Jornal de Minas, ano III, 20 de dezembro de 2004, p.2., periódico heroicamente editado pelo sócio efetivo do IHG de São João del-Rei, Neudon Bosco Barbosa). Agora, quando escrevo sobre estes assuntos, eu quero apenas usar os fatos que apresentei como ganchos para reflexões; não importa muito que estes assuntos sejam criações da imaginação humana ou que eles possam ser a mais *pura verdade*. Não importa que eles sejam um misto das duas coisas. O meu desejo, ao mencioná-los, é apenas fazer com que a minha mensagem possa ser melhor compreendida!

Foi importante presenciar que há sempre a possibilidade de se recomeçar algum projeto adormecido, a exemplo do que aconteceu com o Centro Cultural Feminino de São João del-Rei que como a mitológica Ave Fênix, através de *Mamélia Dangelo*, renasceu das próprias cinzas.

Os outros dois assuntos são exemplos (reais ou belas alegorias!) que podem nos conduzir a reflexões importantes sobre a

nossa concepção de Mundo e podem ser facilitadores da compreensão de uma nova Ordem Mundial que se apresenta em cada momento.

E por falar sobre alegorias, lembrei-me de que o tema do samba de enredo da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel (RJ) para o “Carnaval 2008” foi “O Quinto Império: de Portugal ao Brasil, uma utopia na História”.<sup>5</sup> No desfile da Avenida Marquês de Sapucaí, apreciamos as mais belas e reais alegorias sobre o Quinto Império Universal.

Então, com estas palavras a respeito do Centro Cultural Feminino, do Quinto Império Universal e da saga de Henequim, desejo boas reflexões a todos.

Que assim seja!

---

<sup>5</sup> **Mocidade Independente de Padre Miguel - Samba-Enredo 2008:**  
**"O Quinto Império: De Portugal ao Brasil, uma utopia na história"**  
(Marquinho Marino, Gustavo Henrique, Igor Leal)

Portugal  
Bendito seja... Abençoado pelo Criador  
Uma utopia, um destino, um sonho místico de grandes  
realezas  
Sonhar... Com glórias um rei desejar  
E o sol volta a brilhar  
Com a esperança no olhar  
Mas desapareceu como um grão de areia no deserto  
E encantado renasceu  
Em cada ser, em cada coração  
Para afastar a cobiça na busca do ideal  
O Quinto Império Universal  
Deixe o meu samba te levar  
E a minha estrela te guiar  
À Praia dos Lençóis, nas crenças do Maranhão  
Tem um castelo que é do Rei Sebastião  
No Rio de Janeiro aportaram caravelas  
Trazendo a Família Real  
Progresso em cores combinadas  
Debret retratava a transformação  
Nas terras tropicais do meu Brasil  
A herança, a dor... O mito ressurgiu  
Eis o guerreiro sebastiano  
O mais ufano dos lusitanos em verde e branco  
Que traz no peito uma estrela a brilhar  
De Norte a Sul desta nação  
Faz a manifestação popular  
Minha Mocidade guerreira  
Traz a igualdade justiça e paz  
Hoje o Quinto Império é brasileiro amor  
Canta Mocidade canta!



Átila de Carvalho Godoy (foto: José Antônio de Ávila)

\* \* \*